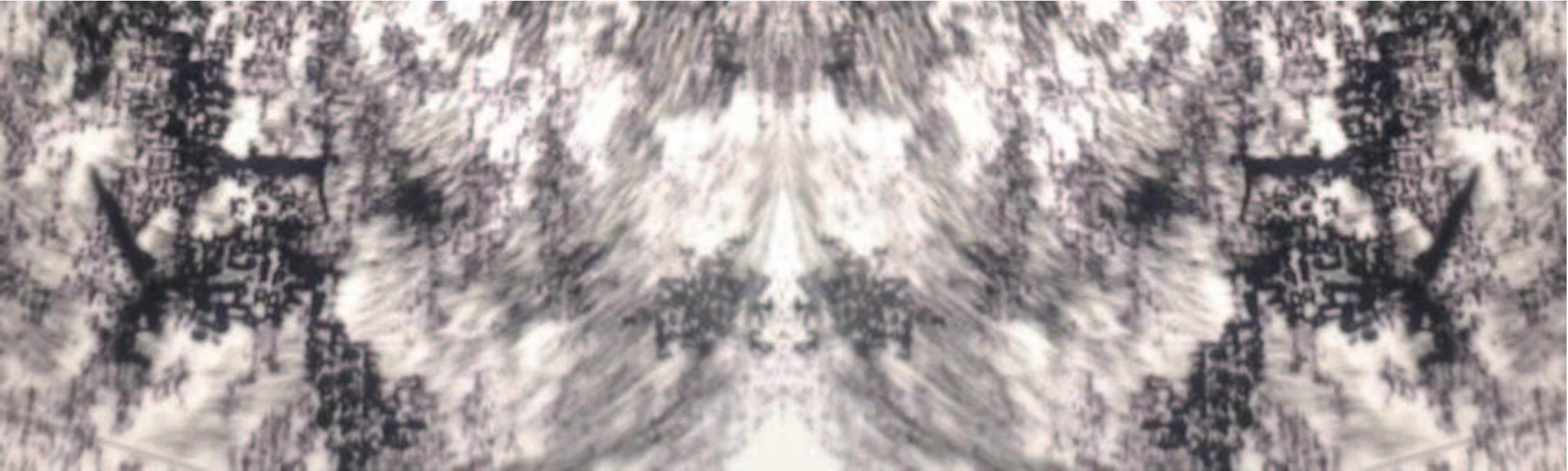




VI – Os Enamorados: representa ou é indicativa de situações de dualidade, dúvidas e incertezas; trabalha com o conceito do “talvez”, das probabilidades, da necessidade de se fazer escolhas; esta carta do tarot de Marselha passa uma mensagem de que nada na vida é irreversível, definitivo ou para sempre; pode indicar também o início ou o término de um relacionamento.

XII – O Enforcado: representa o poder de um ato de sacrifício em prol de algo maior; esta carta do tarot de Marselha também simboliza a necessidade de se abrir mão dos desejos carnis e materiais e ter mais foco na parte espiritual; O Enforcado mostra uma pessoa com dons para ser sensível e pode ser indicativa de mudanças drásticas em nossas vidas; resiliência, adaptação a situações difíceis e quebra de padrões.



# Não Saber

**Taliane Tomita** 53

Se me calo, canso

Se falo, me afogo sem calma nas palavras

Que correm como atletas olímpicos em busca da honra dourada

Assim também falam loucamente os que ficam presos

Lá fora, um mar de nuvens em dia de Sol

Enquanto não se sabe ao certo por que permanece ali  
Com o tempo se entende ou desentende  
Ou tenta-se fazer daquela mistura de tudo e de nada um local de encontros, bons encontros.  
Vozes, realidades e mundos palavreados  
*Quando falamos, tornamo-nos senhores das coisas com uma facilidade que nos satisfaz<sup>i</sup>*  
*A palavra é [...] a segurança da vida<sup>ii</sup>*  
Já decidiram se Plutão é um planeta anão? Ou não?  
*De um objeto sem nome não sabemos o que fazer*  
*O nome não saiu da coisa, ele é o seu dentro*  
*[...] sendo ainda a sua intimidade oculta<sup>iii</sup>*  
Mas palavras mudam, emudecem, movimentam-se,  
Mostram o inverso e criam mundos, testando nossa flexibilidade  
Aprendemos a trocar conceitos por noções  
A ver o ensino da Arte andar acompanhado

Se andar com alguém ou algo não ande sob ou sobre ele  
Tagarelando incessantemente como a passageira de uma velha Kombi,  
já sem freios de tanto uso,  
que desce depressa a longa e inclinada servidão.

Não nota as falas da vizinhança  
por estar com as vidraças fechadas,  
impedindo o vento de entrar  
e bagunçar o cabelo molhado.

Preciso aprender a passear com charme  
e rir de todos os meus tropeços.

Fazer do pensamento um castelo de areia  
para que a dança da lua possa elegantemente dissolvê-lo  
E a cada maré algo se refaça a partir da diferença  
Quem sabe uma janela nova ali  
Daquelas bem grandes, de vidro, para ver o bocejo do Sol  
e o avesso do céu.



Quisera eu não me fixar nas palavras,  
Apesar do cimento jogado no meio da rua  
Das marcas que confirmam sua passagem  
Quem sabe ainda as atravesse!<sup>iv</sup>  
Pelo menos, vontade.  
Difícil brincadeira  
Ser educadora, ser artista  
Quebrar os significados,  
moldá-los e moldar-se  
Sem molde  
Mole, sem forma  
Ver na falta a potência  
*Se o desejo for satisfeito, a máquina de pensar não pensa<sup>v</sup>.*  
Tentativas de soltar-se das gavinhas da tranquilidade do comum.  
Palavra que retira a realidade, torna ausente, aniquila.<sup>vi</sup>  
*a morte [...], nas palavras, é a única possibilidade de seus sentidos.<sup>vii</sup>*





*A linguagem só começa com o vazio;  
Nenhuma plenitude, nenhuma certeza, fala;<sup>viii</sup>  
Sair em busca das inquietudes e contradições  
Deslizar pela escuridão da Noite  
Mãos dadas com a linguagem mesma  
*que se faz ambiguidade [...]*  
que pela negação realiza  
permite versões  
*Só falamos fazendo da palavra [...]*  
*Realidade que é presença material,  
e sentido que é ausência ideal.<sup>ix</sup>**

Só podemos mesmo ser todos loucos  
Gostar de brincar o jogo das forças da Noite  
Queremos o *outro de todos os mundos* <sup>x</sup>  
Esse não-lugar  
Queremos as distâncias entre as forças  
*... a Diferença*<sup>xi</sup>  
Que afasta a reconhecimento, a representação,  
o sofá de casa.  
Destituir-se de si  
Fabricar realidades, entender autonomias  
Metamorfosear.  
Quem fala é,  
*Pois quem fala é a própria palavra*<sup>xii</sup>  
com significantes nômades, que migram a cada leitura,  
*[...] significados múltiplos, móveis, abertos*<sup>xiii</sup>.

Ainda sem nenhuma insígnia  
Dar um passeio estilo escoteiro  
(dormir sem barraca ou cobertor e não levar comida)  
Surfar sobre o algodão doce sem corante cor de rosa  
Atravessar os pés;  
Vento, cristais.  
Tornar pensamento criação  
Jogar as palavras para o alto  
Deixá-las transmutar-se na ida e na volta  
Vestígios de um não-saber  
*Extraír a Figura improvável  
do conjunto das probabilidades figurativas<sup>xiv</sup>.*

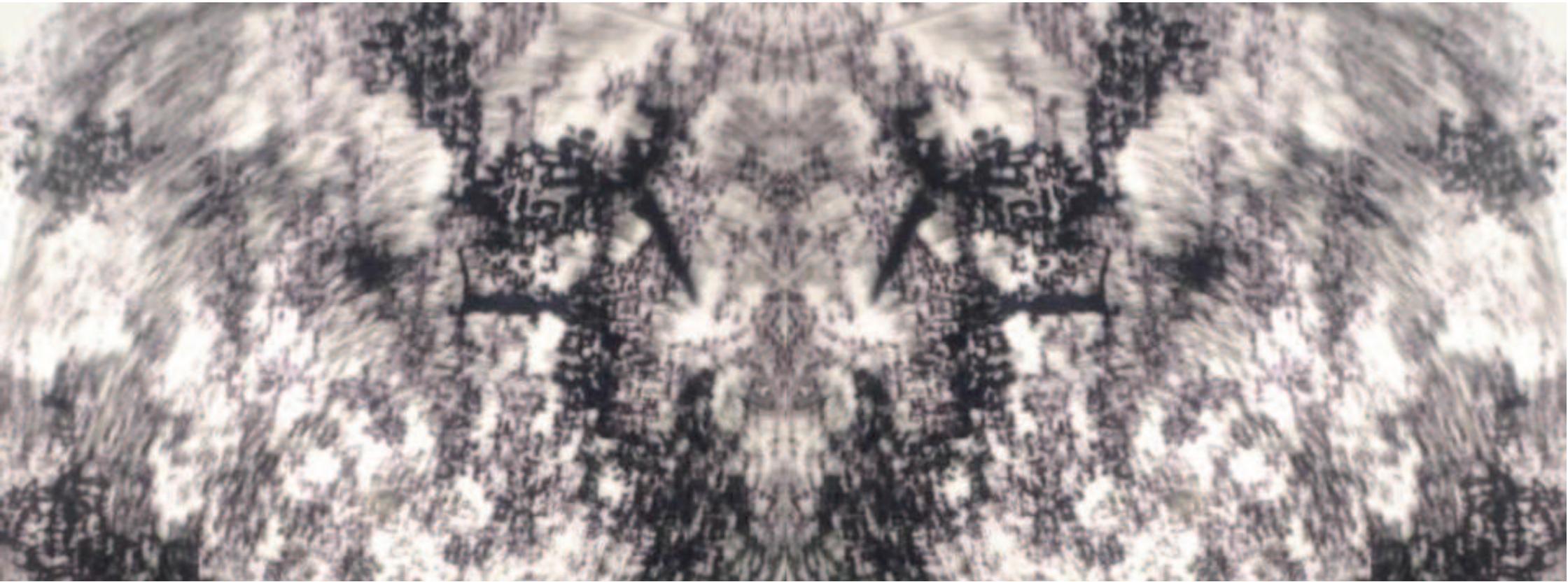
Então, coloquei muitas delas (palavras) numa caixinha

Tentei sacudir com força

Dançaram com alegria

Algumas escorregaram, outras desenharam

Outras ainda, viraram pó.



## Notas

- <sup>i</sup> BLANCHOT, Maurice. **A literatura e o direito a morte**. In: A parte do fogo; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 330
- <sup>ii</sup> Ibidem, p. 331
- <sup>iii</sup> Ibidem, p.331
- <sup>iv</sup> BLANCHOT, Maurice. **A linguagem da Ficção. In: A parte do fogo**; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 82. A frase original utilizada como referência encontra-se do seguinte modo: “[...] Não me fixo nas palavras, eu as atravesso [...]”.
- <sup>v</sup> ALVES, Rubem. **Ao professor com o meu carinho**. Raissa Castro Oliveira (org.). Campinas, SP: Verus Editora, 2004. p. 53.
- <sup>vi</sup> BLANCHOT, Maurice. **A literatura e o direito a morte**. In: A parte do fogo; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 331. Frase original: “Para que eu possa dizer: essa mulher, é preciso que de uma maneira ou de outra eu lhe retire sua realidade de carne e osso, que a torne ausente e a aniquile.”
- <sup>vii</sup> Ibidem, p. 332.
- <sup>viii</sup> Ibidem, p. 333
- <sup>ix</sup> Ibidem, p. 348
- <sup>x</sup> LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.p. 25.
- <sup>xi</sup> PELBART, Peter Pál. O Pensamento do Fora. In: **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009. p. 121.
- <sup>xii</sup> Ibidem, p. 65.
- <sup>xiii</sup> MALUFE, Annita costa. Ana C.: **A crítica por trás da poesia**. In: Revista Letras, Curitiba, n. 62, p 27-40. Jan/abril. 2004. Editora UFPR. p. 37.
- <sup>xiv</sup> PELBART, Peter Pál. Caos- Germe. In: **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009. p. 104.

## Referências

ALVES, Rubem. **Ao professor com o meu carinho**. Raissa Castro Oliveira (org.). Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

. **A conversa infinita 3**: a ausência de livro, o neutro, o fragmentário. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010. CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**; Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MALUFE, Annita costa. **Ana C.: A crítica por trás da poesia**. In: Revista Letras, Curitiba, n. 62, p 27-40. Jan/abril. 2004. Editora UFPR.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

Imagens: 1, 5 e 6 - Montagens a partir de fragmentos fotográficos (acervo pessoal) retirados em exposição no Museu de Arte de Santa Catarina (2017) da obra “Paisagem”, 1984 de Arnaldo Antunes.

Imagens: 2, 3 e 4 – Fotografia. Acervo pessoal.